



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

DO SOLO PARA A PAREDE: A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PÁTIO DO CASTILHO N.º 37-39 E A(S) TORRE(S) DE ALMEDINA DA MURALHA(S) DE COIMBRA

Susana Temudo¹

RESUMO

A recolha de novas informações sobre a edificação da torre de Almedina, no âmbito de uma intervenção arqueológica de diagnóstico realizada no edifício n.º 37-39 da rua do Arco de Almedina/Pátio do Castilho, permite acrescentar aos estudos conhecidos, uma interpretação arqueológica parietal do seu alçado Este. Um paramento revelador de diferentes sequências construtivas, coetâneas com parte dos aparelhos existentes nos outros alçados da torre e comuns às contíguas Torre da Contenda e de Anto, entre outros exemplos existentes no vale do Mondego. Evidências que, conjuntamente com outros achados arqueológicos, permitem acrescentar novos elementos ao debate em torno da fundação e evolução arquitetónica da torre.

Palavras-chave: Torre; Almedina; Coimbra; Arqueologia; Arquitetura.

ABSTRACT

The gathering of new information about Almedina Tower, obtained from a new archaeological approach at building 37-39 of the Arco de Almedina/Pátio do Castilho street, permits new additions to the known studies. On its eastern wall, we can see several constructive sequences combined with archaeological remains that make it possible to add new data to the discussion about the Almedina Tower foundation and its architectural evolution.

Keywords: Tower; Almedina; Coimbra; Archaeology; Architecture.

1. INTRODUÇÃO

Da intervenção arqueológica realizada entre 2012 e 2014, pelo extinto Gabinete de Apoio ao Centro Histórico – Câmara Municipal de Coimbra (GCH-CMC), no âmbito de uma intervenção prévia de diagnóstico e de apoio à elaboração de um projeto de requalificação urbana no edifício n.º 37-39 da rua do Arco de Almedina / Pátio do Castilho (Figura 1), união de freguesias de Almedina, concelho e distrito de Coimbra, identificaram-se vários contextos arqueológicos e arquitetónicos pertinentes para a

discussão sobre a construção e evolução da torre.

As ações desenvolvidas enquadraram-se dentro das medidas de caracterização arqueológica e arquitetónica, de modo a permitir uma melhor documentação e compreensão estratigráfica das camadas existentes e entender a relevância do edifício no quadro histórico-arquitetónico do quarteirão onde se inscreve e sua relação com a torre. Relembre-se que o prédio se encontra dentro da Zona de Proteção Patrimonial do Bem inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO e igualmente classificado como Monumento Nacional – Universidade

1. Arqueóloga. Licenciada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2003); Pós-Graduação em Arqueologia e Território, variante de arqueogeografia, pela Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra (2012); atual aluna de Mestrado em Arte e Património, Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra.

de Coimbra, Alta e Sofia (Anúncio 175/2013, Diário da República, 2ª série, n.º 93 de 15 de Maio; Aviso nº 14917/2013 DR 2ª série nº 236 de 5 de dezembro; na Zona Especial de Proteção da Cerca de Coimbra (Arco de Almedina e Muralhas de Coimbra), Monumento Nacional (Decreto de 16-06-1910, DG 136 de 23-06-1910; Decreto nº 2 789, DG 121 de 16-06-1921 e Decreto nº 7 552-A, DG 133 de 01-07-1921, DG, n.º 153, de 02-07-1960), DG (II série), n.º 269 de 17-11-1961, n.º 126 141, DG, I série, n.º 287 de 10.12.1935); na Zona de Proteção dos Monumentos Nacionais Paço de Sub-Ripas, Torre de Anto e Misericórdia de Coimbra/ Colégio Novo, Igreja e claustro (Decreto 16-06-1910, DG 136 de 23 de Junho de 1910, DG (II SÉRIE), N.º 269, DE 17-01-1961; e na Zona de Proteção do Edifício do Chiado (Imóvel de Interesse Público – Decreto n.º 5/2002, DR, 1ª série-B, nº 42, de 19-02-2002).

Posicionando-se o edificado numa área de grande sensibilidade histórica e arqueológica, e diretamente encostado ao alçado Este da torre de Almedina (Figura 2), era expectável a ocorrência de vestígios arqueológicos, em particular com conexão com os contextos identificados na Escola de Almedina² (Duarte, 2012), localizada a Norte da Torre. Porém, apenas se identificou a continuidade da conduta de águas (depósito [05]) de ligação à cloaca romana da rua do Quebra Costa), e estratos arqueológicos relevantes para a compreensão da evolução arquitetónica da torre e, indiretamente, quanto à problemática da localização da desaparecida igreja de Santa Cristina, mas que no presente texto não será abordado³, pois centrar-nos-emos nas informações referentes à torre de Almedina, ainda que, diga-se, os dados aqui apresentados serão sempre suscetíveis de rein-

2. Para além da continuação do paramento da muralha, identificaram-se estruturas domésticas medievais e uma casa de fresco (séc. XVI), a qual se pensa ter pertencido à residência da família de D. Filipe de Sousa, morador em Coimbra na centúria de quinhentos e cuja moradia, acredita-se, corresponder a atual Escola Almedina no Pátio do Castilho (Duarte, 2012: 55 e ss).

3. A escavação no solo revelou camadas de aterro com materiais osteológicos humanos sem conexão, os quais se acredita provirem das imediações/espacos que compuseram a desaparecida ermida de Santa Cristina (878-987) que, segundo o Livro de testamentos de Lorvão, se posicionou nas imediações da porta de Almedina. Sobre este assunto ver Alarcão, Jorge de (2008) – Coimbra: A montagem do cenário urbano, Coimbra.

terpretação, uma vez que a intervenção arqueológica não foi concluída, estimando-se que num futuro próximo possa acontecer. O edificado compõe-se por quatro andares, correspondendo o último ao sótão e não causou qualquer tipo de dano à torre, sendo uma construção que encostou ao paramento sem qualquer tipo de ancoragem nem ligação ao interior. Aliás, o edifício em questão tampou parcialmente um dos vãos do alçado Este da torre, localizado ao nível do sótão da casa e correspondente à janela entaipada do corredor de acesso à antiga sala de vereação. Um vão que poderá corresponder ao referido num documento camarário de 17 de novembro de 1749, a propósito da entrega de umas chaves. Trata-se de «[...] *um termo de entrega das chaves da caza da Audiencia, ou da escada pera ella e da que vay pera o sino de correr a Manoel Joze Pinto homem de vara do meirinho da cidade [...]*», no qual se especifica que «[...] *lhe foi feito entregua de duas chaves hua da porta principal da camara e a outra da porta que vay pera a torre que ele se deu por entregue dellas que tornara a restituir quando pelo Senado lhe for mandado obrigandose a tanger o dito sino desde o dia de Paschoa athe o dia de Sam Miguel [...]*» (AHMC, *Livro de arrematações e arrendamentos*, n.º3 apud Anjinho, 2016: 280). Um acesso eventualmente criado na época de D. Manuel, mas que não temos a certeza se corresponderá ao mencionado nos Livros de Receita e Despesa dos séculos XVI, XVII e XVIII. Sabemos que a torre de Almedina teve várias utilizações que contribuíram para as sucessivas alterações no seu edificado. Existem registos de obras nos séculos XIII/XIV e da grande reforma dos séculos XV/XVI, a propósito da instalação da Casa da Câmara (também designada na documentação como Torre da Vereação ou casa da Vereação) e que ditaram o último traço arquitetónico que aparenta. No século XIX, a Escola Livre das Artes e Desenho ocupou o espaço e no século XX deu lugar à secção Etnográfica e Etnológica, posteriormente substituída pelo Arquivo Histórico Municipal, sendo atualmente o espaço do Núcleo da Cidade Muralhada.

2. A TORRE E A ESCAVAÇÃO NO SOLO

A escavação arqueológica revelou contextos antrópicos com incidência nas épocas Contemporânea, Moderna e Medieval, diretamente encostados ao paramento da torre até à sua base. Não se

assinalaram estruturas edificadas, apenas camadas de colmatção detentoras de espólio cerâmico das várias épocas, nomeadamente de uma moeda do séc. IV, identificada nos primeiros níveis estratigráficos e juntamente com espólio de época moderna e contemporânea.

Com a remoção das camadas do século XX, imediatamente se observou o embasamento da torre e o seu desalinhamento face ao paramento, evidenciando uma rotação de 14 graus da atual posição. Uma estrutura edificada em pedra calcária argamassada, de superfície irregular, fruto do saque de pedras de que foi alvo. Ação provavelmente incitada pelas construções realizadas junto desta parede, cujos vestígios poderão corresponder aos entalhes de antigas traves de madeira, sugerindo a presença de um antigo piso ou de uma cobertura de uma água, a qual não sabemos se contemporânea dos indícios arqueológicos referentes a um patamar de circulação, disposto sob o nível de condenação composto por pedras de médio volume, nódulos de argamassa e fragmentos de material de construção misturados com cerâmica comum medieval. Talvez o testemunho arqueológico das construções constantes no tombo antigo da cidade de 1532, onde se diz que tanto o arco como a torre se encontravam «[...] *afogadas por prédios de habitação que já nessa data não seriam recentes* [...]» (Alarcão, 2008:225).

Outra justificação para o desmonte da base da torre, poderá se relacionar com a construção do presente edifício, que por motivos de nivelamento do pavimento e verticalização da sua parede Oeste (alçado da torre), terão desconstruído parte do embasamento da torre, correspondendo as pedras constantes na camada de condenação, ao saque efetuado e por isso, debaixo do alçado Sul do edifício. A ser verdade, significa que as fundações do prédio são anteriores ao período contemporâneo. Interpretação reforçada pela natureza da camada que a cobriu e da qual se retirou fragmentos de telha, ainda que saibamos que este tipo de material possa surgir em níveis arqueológicos medievais tardios. Por outro lado, os aparelhos construtivos identificados nas sondagens parietais realizadas no rés-do-chão do edifício, cronologicamente, também não são esclarecedores, pois a sua tipologia construtiva não engloba elementos suficientes que nos permitam afirmar que se tratam de aparelhos construtivos medievais. No entanto, coloca-se a possibilidade de serem reconstruções realizadas no período moderno, com pedra aproveitada.

A base da torre dista do paramento da que hoje se vê no exterior, cerca de 1,10m e apresenta um perfil escalonado, com uma altura mínima de 1,70m na parte junto ao alçado Sul do edifício (Figura 3). Um recorte coberto com rebocos de cal e areia, caiado a branco, mascarando, o que se pode considerar, o topo da fundação da torre e cuja base, nesta parte, fica por se saber qual a sua relação com o maciço rochoso, por esta se encontrar tapada pela referida camada de condenação e a qual se encontra por debaixo da empena Sul do edifício, impossibilitando a sua remoção, tendo-se inclusive, feito uma sapata de cimento e pedra, de modo a evitar o colapso da parede. Uma medida preventiva reversível aquando da implementação do projeto de reabilitação, que não só permitirá a visualização total da base da torre, como uma melhor compreensão dos contextos arqueológicos remanescentes.

Dos estratos pertencentes aos horizontes medievais, destaque para presença do antigo pavimento em que se encontrou embutida a conduta de águas [05], coberto pela camada de abandono relacionável com a construção do edifício. Uma camada com materiais cerâmicos medievais (século XII) que colmatou um patamar de circulação junto da base, assente sobre outras terras que cobriram o estrato com materiais osteológicos humanos, associáveis à desaparecida igreja de Santa Cristina (século IX). Imediatamente abaixo, dois níveis de terra que taparam a base da torre, encontrando-se um deles por debaixo do seu alicerce. Ou seja, na parte em que foi possível visualizar as pedras fundacionais da torre de Almedina, constatou-se que a torre se encontra, parcialmente, construída sobre terra. O que contraria este tipo de construção militar e das outras torres existentes na cidade, como é exemplo a torre de Anto (Temudo; Silva, 2012). Situação que permitiu a descoberta de uma “galeria” subterrânea (Figura 4), disposta paralelamente à passagem do Arco de Almedina e tamponada a Sul pela escadaria de acesso sala da vereação⁴, construída depois de 1755 e que sabemos que substituiu uma anterior erguida em 1736 (Anjinho, 2016:272). Um espaço posicionado no enfiamento da pequena livraria alfarrabista existente por debaixo da torre, somente dividida por uma parede meeira e com uma ocupação até ao século XX, a julgar pelos vestígios visíveis à superfície.

4. Escadaria exterior adossada ao alçado Sul da torre de Almedina (Figura 2).

A presença desta “galeria” é desconhecida. Porém, após uma breve revisão à historiografia da torre, apesar das incertezas se corresponderá a alguma das edificações elencadas nas fontes documentais, acredita-se que a sua construção não será recente. Uma dúvida que poderá ser esclarecida após a escavação arqueológica dos seus depósitos antrópicos, complementada pela análise estratigráfica dos seus paramentos.

Nos registos camarários seiscentistas existem indicações da existência de “tendas” por debaixo da torre, no espaço correspondente ao arco de Almedina. Reforçando a interpretação de que a “galeria” poderá não ser uma construção de época contemporânea, ainda que em uso até ao século XX, sendo o seu acesso pela livraria alfarrabista. Uma “tenda” efetuada na antiguidade e que poderá corresponder ao espaço mencionado no Livro de Notas da Câmara de 1626-1636, e referência para José Roiz, sirgheiro, que pretendia fazer «[...] *hum portal debaixo do Arco da Almedina no muro que no dito citio esta [...] do tamanho do outro defronte [...]*» (AHMC, Livro de Notas, n.º7 (1626-1636) *apud* Anjinho, 2014:238). Uma loja que vários autores colocam no paramento ocidental da torre e correspondente ao aparelho em alvenaria de pedra miúda junto à ombreira da porta do extinto GCH-CMC (Figura 5). No entanto, a transcrição de um documento referente à sessão de câmara de 26 de junho de 1608, apresentada por J. Alarcão (2008), a propósito das obras ilegais feitas pelo livreiro António Fernandes, indicia que essa abertura será mais antiga, descrevendo inclusive como terá sido feita: «Nesta camara foi requerido por parte do procurador que hu Antonio Fernandes livreiro e morador em huas casas que são foreiras a camara que estão ao pee da torre[...] com a torre que elle se metia por dentro e cavando hiha fazendo minas por baixo da torre da vereação em que fazia muito prejuízo a torre e indo com mina por diante daria com a torre no chão pello que se asento em camara que fosse visto o buraquo e mina [...] se mandasse tapar de pedra e cal [...]» (Livro de sessão câmara *apud* Alarcão, 2008: 231).

Uma escavação, portanto, a partir da casa de António Fernandes e que de acordo com o autor, seria «uma mina na espessura da torre, vindo sair à passagem sob a torre, teria escavado cerca de 6m na espessura de uma sólida obra.» (Ibid., 231). Uma extensão que considera improvável e quando associada à inexistência de evidências, duvida da sua existência. Desconfiança ancorada na ausência de vestígios no interior da Galeria da Almedina, pondo inclusive

em causa, se a casa do dito livreiro se posiciona nesse flanco da torre (Ibid., 232-233). Dito isto, propõe-se à discussão a possibilidade dessa “mina” corresponder à “galeria”.

Isabel Anjinho indica que a casa do livreiro poderá posicionar-se do lado oriental do arco, no atual espaço comercial existente à entrada, sendo a sua loja a livraria alfarrabista (Anjinho, 2016:259). Nesse caso, ao acreditar que o remendo corresponde ao pedido de José Roiz, feito em 1630, tendo como exemplo [...] *outro defronte [...]* (Ibid., 238), admite-se a possibilidade de a “galeria” ser a loja que se pretende copiar. Pois o remendo encontra-se na sua direção. Por último, acrescenta-se que a “galeria” detém pouco mais de 5m de comprimento e encontra-se somente separada da livraria alfarrabista por uma parede meeira, edificada em alvenaria de junta seca. Seria, então, a casa de António Fernandes do lado oriental? E a atual livraria alfarrabista a loja e a “galeria” a “mina”?

Num documento do Tombo de 1678 é dito que a câmara detinha «[...] *humas cazas prazo desta Camara que estão ao pee por baixo da escada da mesma Camara, que tem e possue Manoel Rodrigues, marceneiro, desta cidade, as quais cazas tem de comprido nascente ao poente, outo varas (8,80m) entrando huma cava que fica de baixo do arco, e de largo do norte ao sul duas varas (2,20m) e partem do nascente com o bordo da escada (sic) da caza da Camara e do poente com o arco d'almedina [...]*. Sendo acrescentado em nota que «Nestas cazas se fes a escada da nova obra das cazas da Camara [...]» (Tombo de 1678 *apud* Ibid., 740). Pela descrição, sugere-se a existência de casario encostado ao alçado Sul da torre, as quais se prolongavam para dentro dela. Deduzindo-se por isso que a “cava” possa ser a “galeria”, impondo-se a sua demolição aquando da construção das escadas da vereação. Ação que explicaria o encerramento da “galeria” a Sul, mantendo-se, porém, o acesso pela livraria alfarrabista. O momento em que deixou de ser utilizada, desconhece-se.

O atual acesso à “galeria” faz-se através de uma pequena abertura causada pelo aluimento das terras que se encontravam por baixo das pedras fundacionais da torre. É um espaço que se encontra aterrado, sem altura suficiente para se caminhar em pé. Apresenta uma largura mínima de 2,22m e uma máxima de 3,47m. De planta retangular, formando uma espécie de corredor sob um arco rebaixado, escavado no solo geológico em calcário dolomítico.

No extremo Sul, encontra-se tamponado pelo muro de suporte da escadaria de acesso à torre. Área com pouco mais de 3m de altura, sendo visível um arco em abóbada, que se destaca da parede da torre (Figura 6). Nesta parte são ainda visíveis vários nichos retangulares em ambos os flancos, que não se percebeu a sua funcionalidade (Figura 7). Toda esta área encontra-se caiada a branco.

3. A PAREDE DA TORRE DE ALMEDINA E AS NOVAS EVIDÊNCIAS DA ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA

Tendo como fundamento a identificação dos aparelhos construtivos existentes, a fim de compreender a orgânica evolutiva da construção e caracterização do edificado e sua relação com a torre de Almedina, realizaram-se várias sondagens parietais de acordo com as metodologias preconizadas pela arqueologia da arquitetura, distribuídas pelos vários pisos e compartimentos do edifício.

Arquitetonicamente, o edifício apresenta uma linguagem geometrizar, de linhas simplistas, com fachadas marcadas pela regularidade e forma retangular dos vãos e respetivas cantarias em pedra de Ançã, contendo ainda um óculo circular na fachada Sul e uma cornija em cantaria fingida no paramento orientado para a rua de acesso ao Pátio do Castilho. É um edifício compartimentado por paredes em tabique e escadarias em madeira adossadas às paredes. Apesar de demonstrar, à priori, elementos que permitem assinalar uma cronologia enquadrável nas construções oitocentistas, acredita-se que a sua edificação poderá ser mais antiga, justificada pela tipologia dos aparelhos construtivos constantes nos seus alçados Norte e Sul. Nestes, as sondagens revelaram alvenarias de pedra calcária ordenada, com fragmentos de cerâmica de construção (tijolo rabo de andorinha e telha de canudo), colmatados por argamassas saibrosas de tom amarelado. Um tipo de construção comum nas edificações de época moderna e razão pela qual admite-se a possibilidade destes alçados serem os mais antigos, sendo ainda visível na parede Norte da casa, ao nível do rés-do-chão, pedras de talhe semelhante às existentes na base da torre desconstruída. Uma parede que se acredita ser meeira com o edifício vizinho, igualmente adossado à parede da torre e que sabemos contíguo, no século XV, às “*casas de entrada na torre*” (Anjinho, 2016:278).

Na fachada orientada para a rua e fachada Sul, a partir do primeiro andar, ainda que tipologicamente iguais, as alvenarias existentes compõem-se por pedras calcárias de talhe irregular, colmatadas por argamassas ricas em cal, contemporâneas das modificações ocorridas no século XIX e responsáveis pela aparência que o prédio ostenta.

Da picagem dos rebocos que ocultavam a parede da torre, expôs-se o aparelho de pedra calcária dolomítica, visível nas outras fachadas. Portanto, o aparelho construtivo resultante das obras promovidas na segunda metade do século XIII (Almeida, 2017: 1457), somente interrompido ao nível do segundo andar do prédio, por um grande remendo posicionado abaixo do patamar da varanda que assinala o acesso à antiga sala da vereação. Uma emenda em alvenaria miúda, composta por pedra de pequeno porte, fragmentos de telha de canudo e tijolo rabo de andorinha, colmatado por argamassa arenosa de coloração acastanhada. Um arranjo que não sabemos se corresponde às obras desenvolvidas durante o reinado de D. João I ou no de D. Manuel, a fim de dotar a torre de melhores condições à vereação e que lhe conferiram a aparência que hoje ostenta; ou se das reformulações do século XVIII, justificadas pelo elevado estado de degradação em que se encontrava (Anjinho, 2016: 271). As operações de restauro e conservação efetuadas pela DGEMN nos anos de 1942/1945/1946 e 1953 não intervieram na estrutura do edificado, assim como as obras realizadas pela Câmara Municipal em 2000, a propósito da sua recuperação e adaptação da casa anexa, a fim de se instalar o Núcleo da Cidade Muralhada, também não.

No mesmo paramento, mas no patamar abaixo, identificou-se um recorte de formato quadrangular, preenchido por argamassa, pedra calcária miúda e fragmentos de tijolo rabo de andorinha; posicionado no encontro da empena Sul do edifício com o cunhal da torre (Figura 8), não visível do lado exterior da parede, mas alinhada pelo sulco diagonal que se vê escavado na sua fachada Sul, em direção à porta do adarve. Uma unidade estratigráfica que acreditamos relacionar-se com a problemática do postigo do sineiro⁵.

5. A primeira referência surge num documento de 1419 com o termo *campenaryo*. Um cargo que se manteve ativo até 1863, segundo o Relatório e Orçamento Municipal (França, 2001:224, 228).

A introdução do sino ocorreu com as alterações manuelinas e encontra-se, atualmente, na face da torre voltada para poente, ou seja, virada para a rua Ferreira Borges e, pela inscrição nele constante, será datável do final do século XV inícios do século XVI (França, 2001: 224). Desconhece-se se teve outra localização. Da análise da documentação existente, somente se conseguiu auferir quando era tocado e porque razão (Ibid., 223 e ss).

De acordo com os registos da Receita e Despesa da Câmara (1557), o sino era tängido por duas cordas e tocado do andar debaixo, sendo referida a existência de um «[...] *pustigo da porta de baixo por onde entra Tome a tanger o sino [...]*» (*Livro de Receita e Despesa de 1560 apud* França, 2001: 226) e mais não se sabe acerca da localização do dito postigo, nem de como era tängido. Também pelos vestígios parietais encontrados, não conseguimos afirmar que o recorte corresponderá ao dito postigo, apesar de este se posicionar na direção do sulco constante na fachada e que se crê ser o negativo da corda que tangia o sino. Por fim, interessa referir a picagem dos rebocos dos compartimentos do rés-do-chão. Nesta parte, para além dos vestígios já mencionados relativamente à existência da marcação das hipotéticas traves de sustentação de um telhado/piso em madeira e a presença da base da torre, é também visível unidades estratigráficas indicadoras de uma evolução arquitetónica coetânea com parte dos aparelhos construtivos existentes nos outros alçados da torre e comuns às contíguas torre da Contenda e de Anto.

Nesta parte observou-se as alterações estruturais resultantes da rotação e acréscimo da torre referido por J. Alarcão (2008, 223 e ss), à qual se acrescenta a tipologia construtiva da base da torre, desconhecida até ao presente.

No paramento (Figura 9) é visível o aparelho construtivo coetâneo do último momento construtivo e atribuído à segunda metade do século XIII – letra A, diretamente encostado ao aparelho da letra B e ambos sobre a base da torre – letra C. Três momentos construtivos pertencentes a diferentes fases históricas, encontrando-se somente paralelos para os aparelhos A e C, nos alçados ocidental e oriental da passagem do arco de Almedina (Figura 5). A inexistência de paralelo para a letra B acredita-se residir na possibilidade de este corresponder ao pano da muralha, apesar da impossibilidade de confirmação com a visita à casa vizinha, por esta parede se encontrar rebocada.

O aparelho B apresenta uma pedra calcária retangular alongada, formando um aparelho construtivo que não se insere dentro das tipologias apontadas para os períodos contemporâneos ou posteriores ao século IX. Mas com semelhanças com o existente na torre de Anto, imediatamente acima da fase construtiva contemporânea do séc. IV, presente nas fachadas Norte, Sul e Oeste, e estratigraficamente debaixo do aparelho do século XII-XIII (Temudo; Silva, 2013:973). Situação igualmente presente na torre de Almedina. Outro pormenor desta tipologia é a questão de ser coincidente com o existente no topo do adarve no encontro com a fachada Sul da torre de Anto (Ibid., 973).

Imediatamente por debaixo do aparelho A e B temos a base da torre – letra C, ostentando um aparelho de construção irregular, composto por pedra calcária miúda, visível em ambos alçados da passagem do arco de Almedina nos sectores B da Figura 5 e também, estratigraficamente por de baixo dos acréscimos realizados no século XII-XIII. Um embasamento ao qual encostaram as camadas antrópicas do século XII.

4. DISCUSSÃO

O momento fundacional da torre de Almedina e sua conseqüente evolução construtiva ainda não se revela claro. Admite-se que integre, total ou parcialmente, a muralha medieval de Coimbra. São vários os autores que têm vindo a debruçar-se sobre a sua evolução arquitetónica, considerando-se a abordagem apresentada por J. Alarcão (2008) a mais próxima dos elementos agora descobertos, ainda que com algumas divergências em determinados pontos.

No paramento da torre observam-se quatro fases construtivas. A mais recente, contemporânea da adaptação da torre ao novo estatuto político-administrativo obtido com a instalação da Casa da Câmara, ou seja, as modificações introduzidas no século XV-XVI, as quais, estratigraficamente, se sobrepuseram às reformas militares desencadeadas no período medieval e que dotaram a torre com atual dimensão, atribuindo-lhe o aspeto homogéneo que ostenta. Referimo-nos ao paramento assinalado com a letra A e que se traduz no aparelho construtivo com paralelos nas outras torres da cidade, nomeadamente na de Belcouce, Contenda e Anto. Paramentos em calcário dolomítico constantes nos monumentos da cidade, datados dos séculos XII e

XIII, o que não quer dizer que a torre seja desta época. Mas, curioso é o facto de no paramento alvo de apreciação, ser a tipologia que não só encosta ao pano da muralha – letra B, como também cobre a base da torre – letra C.

Se seguirmos a linha cronológica dos tempos históricos, quando Coimbra é reconquistada em 1064 e entregue a D. Sesnando, a torre de Almedina já existia. Fontes documentais pertencentes ao mosteiro de Lorvão atestam a existência da porta de Almedina em 933, a qual integrava um sistema defensivo sólido, descrevendo Ahmede Arrazi como “muito forte” (Almeida, 2017:1456). Certo é que a reconquista só aconteceu ao fim de seis meses de cerco (Barroca, 1991:101), o que significa que se encontrava bem protegida. Assumir o aparelho assinalado com a letra B como parte do pano da muralha parece-nos plausível se conjugarmos com a rotação da torre e tivermos em atenção a interpretação de J. Alarcão (2008: 223 e ss). Uma leitura para qual não só encontramos as evidências arquitetónicas, como podemos afirmar que a torre de Almedina seria mais pequena que a atual, justificando a presença de parte do paramento da muralha e a relação estratigráfica com a letra A e talvez entender assim, a passagem do livro do Almoxarifado de 1395 quando afirma ter o rei «[...] *hua tenda com a dicta porta* (a da Almedina) *a qual foy tapada cando fezeram a torre nova da dicta porta [...]*» (apud Almeida, 2017:1456). Citação que reforça o teorizado por J. Alarcão quando refere a criação da atual porta de Almedina, a qual implicou a rotação da torre. Uma obra que o autor propõe ter acontecido entre 1116-1117 (2008:226). Data do último ataque almorávida, pelo que não se acredita nessa precisão cronológica, mas que certamente terá sido durante o século XII. Uma cronologia que nos remete para o período condal ou para os reinados da primeira dinastia. Uma rotação somente possível por na sua base se encontrar um corpo edificado suficientemente sólido para aguentar essa alteração. Um raciocínio que justifica a relação estratigráfica entre o aparelho A e C, inserindo-se o primeiro nas tipologias construtivas medievais, com silhares mais estreitos e de formato retangular, sugerindo um aparelho em isódomo, o qual poderá marcar o terceiro momento de edificação da torre enquadrável nos séculos XII-XIII. O que pressupõe que o aparelho da letra C será anterior ao período condal. Construtivamente ostenta semelhanças com os aparelhos existentes nos setores B dos alçados da passagem do

arco de Almedina da Figura 5 e que J. Alarcão classifica como uma alvenaria de silharia miúda, aventurando a hipótese de se tratar do “aparelho incerto” atribuído por Vergílio Correia à torre pentagonal do castelo, erguida por D. Sancho (2008:231); não justificando a sua presença no alçado oriental, apesar de teorizar se não pertencerá a um paramento da desaparecida igreja de Santa Cristina ou, aos edificados da corte sesnandina, concluindo depois, com indicação da possibilidade das pedras constantes na base se relacionarem com a primitiva porta de Almedina (Ibid., 237). Uma construção em que as pedras apresentam semelhanças com as constantes no aparelho da torre de Anto, de tipologia inserível no período anterior ao século IX e assente no paramento que se sabe contemporâneo do séc. IV (Temudo, Silva, 2013:973). Ora, partindo desta análise e sabendo a possibilidade de a rotação da torre ter ocorrido no século XII, questionamos se o “aparelho incerto” – letra C, não será contemporâneo ou anterior a D. Sesnando. Sabemos que Coimbra foi retomada em 878 pelo Conde D. Hermegildo. Um período de várias campanhas militares desencadeadas por D. Afonso III e que permitiram fixar a fronteira ao longo do vale do Mondego, englobando sítios estratégicos como Montemor-o-Velho e Coimbra, contando-se até ao ano mil, três fortificações, entre elas, o castelo de Soure (Barroca, 2004:184,186, 200). Um castelo com o qual encontramos paralelos para a letra C e que sabemos ter sido conquistado por D. Sesnando, sendo-lhe atribuídos os muros Leste, Sul e Oeste, como parte da estrutura sesnandina (Barroca, 1990-91: 102, 105). Um tipo de construção que se observa igualmente na vertente oposta à entrada do pequeno castelo de Penela, entre outros pontos dos seus paramentos e que se sabe corresponderem às obras promovidas por D. Sesnando (Ibid., 107 e 108). Posto isto, cremos ser seguro afirmar que o aparelho irregular corresponde ao período pós reconquista. Sendo, portanto, a base visível na passagem do arco, por debaixo deste, anterior e muito provavelmente contemporâneo da base da torre de Anto.

Paralelamente à leitura parietal, soma-se a presença da “galeria” subterrânea. Uma estrutura que consideramos ser posterior à rotação da torre, ou seja, após o século XII. Temporalidade na qual se alcançou um longo período de paz na cidade, possibilitando a fixação de casarios ao longo dos panos da muralha/torres e de que é exemplo o assento de 1145, onde consta que a sé possuía um forno acima da

porta de almedina. Lugar que em 1203, num documento de venda, indica uma *tenda* no mesmo sítio, cedida em emprazamento de 1408 e especificado em novo documento de 1439, que no mesmo lugar encontram-se umas casas aforadas e uma botica de baixo das escadas da câmara (Loureiro, 1964:115). Casas essas que poderão ter perdurado no tempo e corresponderem às referidas na documentação quinhentista.

5. CONCLUSÃO

Ainda que embrionários os dados apresentados, atendendo que a intervenção ainda se encontra por concluir, acreditamos que as informações resultantes desta primeira abordagem sejam relevantes na discussão da compreensão da evolução arquitetónica da torre de Almedina. Apesar das incertezas quanto à datação dos paramentos que compõem os seus alçados, é convicção de que a existência da torre em determinadas cronologias começa agora a ser mais clarificada. As recentes intervenções têm permitido identificar detalhes que nos permitem propor novas abordagens, revelando informações até ao momento desconhecidas, como o agora conhecido paramento da base da torre, sua rotação e a existência da “galeria”. Elementos que associados a outras evidências, não assinaladas pelas fontes históricas e de que é exemplo a atribuição a D. Sancho I da representação da cena apocalíptica da *Vitória do Cordeiro*, constante no painel escultórico existente na parede que contém a porta de Almedina (Almeida, 2017:1466).

As questões deixadas em aberto, nomeadamente as relativas à presença da “galeria” subterrânea e em particular, aos entalhes constantes nos alçados do espaço da abóbada adjacente à parede da torre, sobre os quais não nos é possível tecer qualquer tipo de considerações, por não conterem informações suficientes, reforçam a importância da continuidade dos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ALMEIDA, Sara Oliveira (2017) – A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação de fachadas na torre de Almedina, *Arqueologia em Portugal: Estado da Questão, Actas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1455-1467.

ANJINHO, Isabel de Moura – *Fortificação de Coimbra: das origens à modernidade*. Coimbra: [s.n.], 2016. 3 vol.

BARROCA, Mário (1990-91) – Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a X). *Portugália*, Nova série, vol. XI-XII, pp. 89-136.

BARROCA, Mário (1991) – D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto. Série II, vol. XV, n.º1, pp. 801-822.

BARROCA, Mário (2004) – Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (séc. IX a X). *Portugália*, Nova série, vol. XXV, pp. 181-204.

DUARTE, Berta (2002) – *Torre de Almedina: Relatório síntese*. Coimbra: Ed. policopiada, Câmara Municipal de Coimbra.

DUARTE, Berta (2008) – Coimbra, Cidade Muralhada, *Arquivo Coimbrão*, Vol. XXXVIII, Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, pp. 93-108.

FRANÇA, Paula (2001) – *Almedina: a Torre (esquecida) da cidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

LOUREIRO, José Pinto (1964) – *Toponímia de Coimbra*, Tomo I, Coimbra: Coimbra Editora.

TEMUDO, Susana; SILVA, Luísa (2013) – “A Torre de Anto na História das Muralhas da Cidade de Coimbra à luz das novas evidências arqueológicas” in *II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses: Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Atas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 969-977.



Figura 1 – Localização da torre de Almedina na cortina muralhada da cidade.



Figura 2 – Edifício n.º 37-39 e o alçado Este da torre de Almedina.



Figura 3 – Base da torre de Almedina e o alçado da empina Sul do edifício com a marcação do perfil da base da torre.



Figura 4 – Alçado da base da torre com o acesso à “galeria” subterrânea.

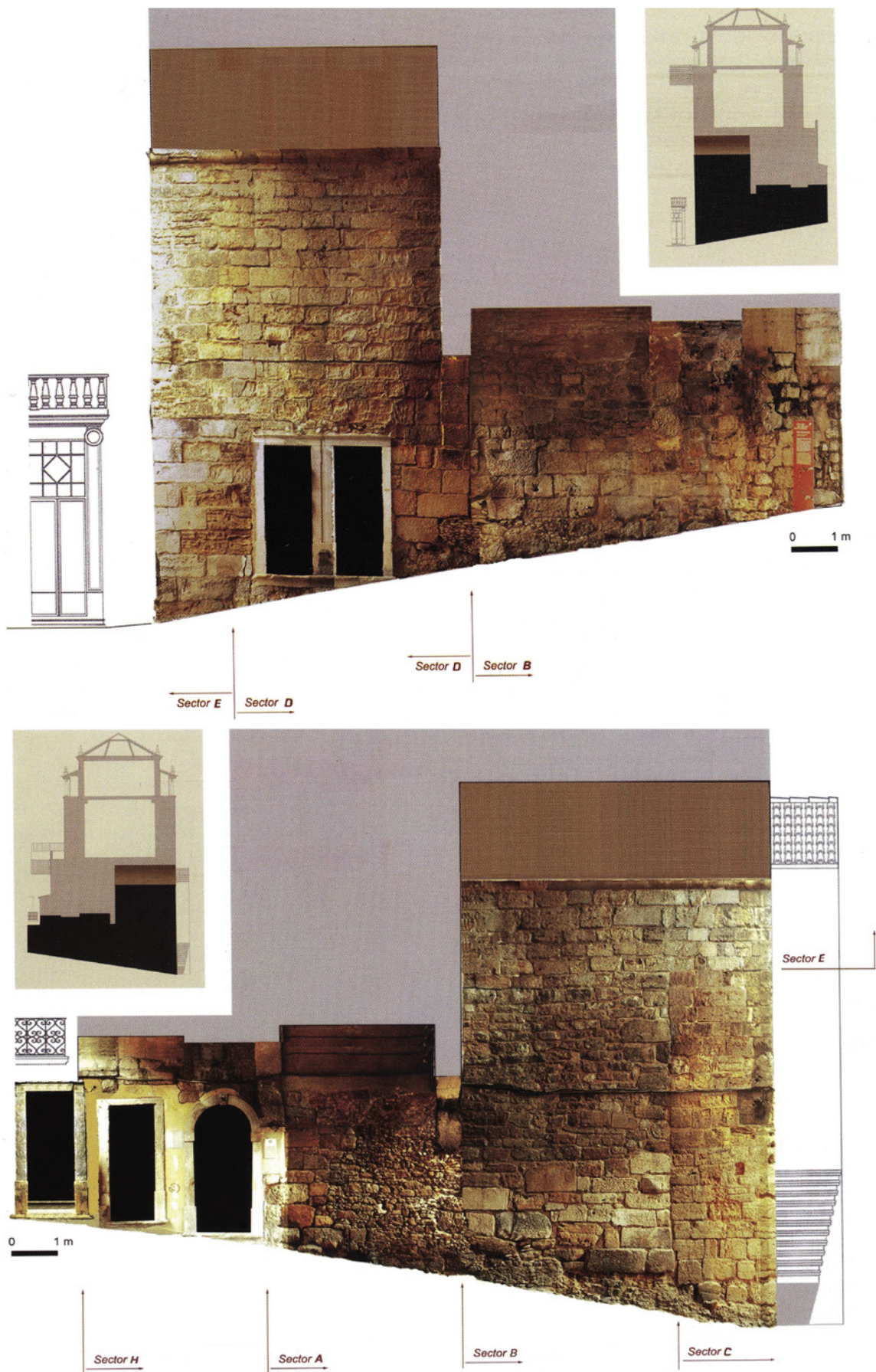


Figura 5 – Alçado ocidental e oriental da passagem do arco de Almedina. Fonte: Alarcão, 2008.



Figura 6 – “Galeria” subterrânea: a. Acesso e parede meeira; b. Muro de sustentação da escadaria de acesso à câmara da vereação; c. Parede sul da torre de Almedina.



Figura 7 – “Galeria” subterrânea: a. Entalhes empena Este; b. entalhes empena Oeste.



Figura 8 – Paramento da torre com o recorte junto do alçado Sul do edifício.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - ESCOLA DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**